

Surge o quinto homem

Um ex-soldado uruguaio confessa sua participação no seqüestro de Porto Alegre e confirma a presença de policiais brasileiros

O avião da SAS que decolou do aeroporto de Viracopos para a Noruega às 17h20 de quinta-feira levou a bordo uma devastadora evidência de que o seqüestro dos asilados uruguaiois Universindo Díaz e Lilian Celiberti, e seus filhos Camilo e Francesca, ocorrido em Porto Alegre em novembro de 1978,

foi planejado e executado por policiais brasileiros e oficiais do Exército do Uruguai. Numa das poltronas do avião, depois de 49 dias de andanças clandestinas dos dois lados da fronteira, descansava um homem de 23 anos, casado, pai de um filho de 14 meses, a palidez do rosto fino acentuada por um bigode ainda ralo. Era o ex-soldado Hugo Walter García Rivas, que participou do seqüestro e deixou no rastro de sua passagem pelo Brasil copiosos depoimentos sobre a "Operación Zapato Roto" — o nome em código do crime consumado no apartamento da rua Botafogo, na capital gaúcha, e testemunhado pelos jornalistas Luiz Cláudio Cunha, de VEJA, e J. B. Scalco, de *Placar*.

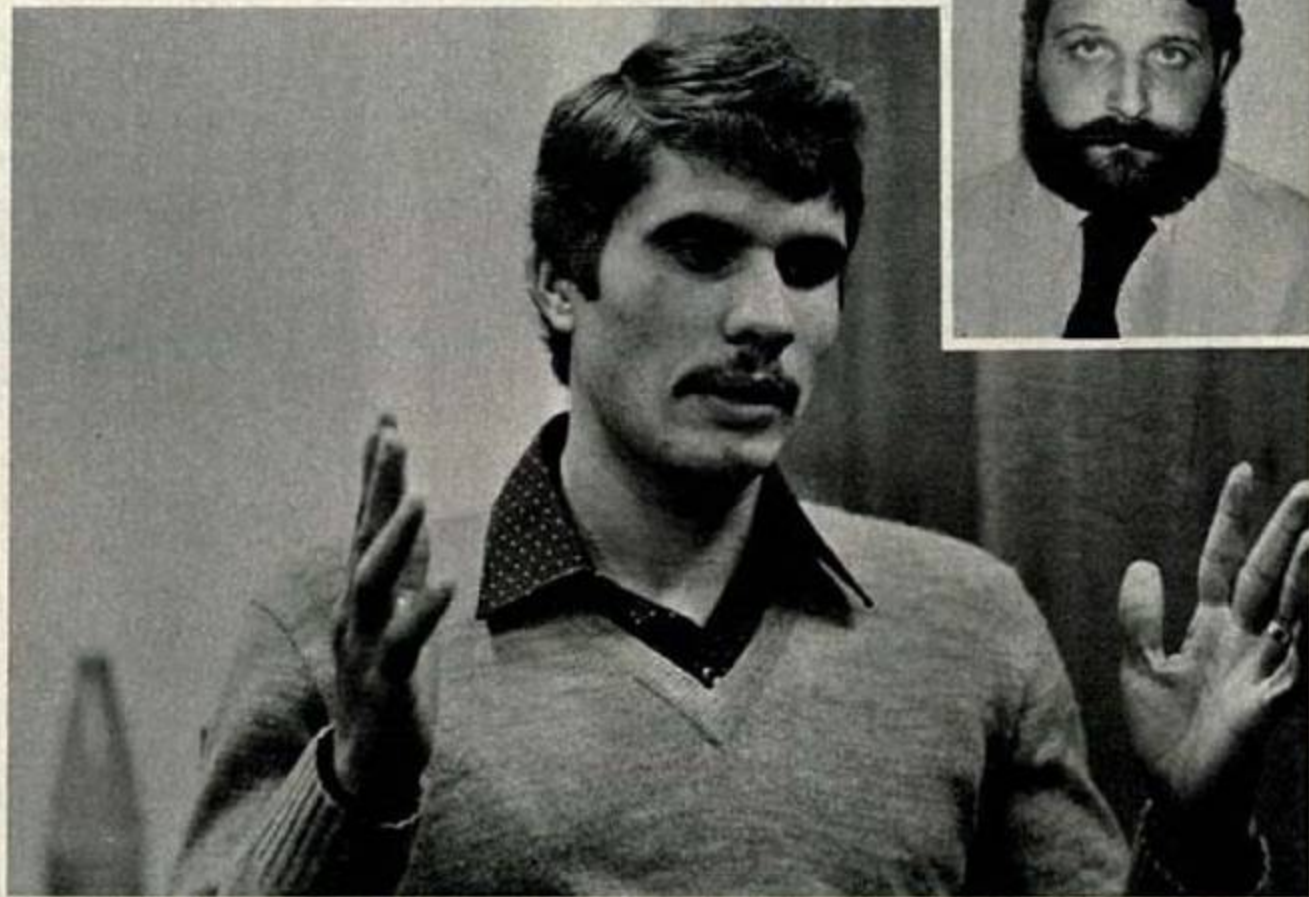
Por meses a fio, Cunha e Scalco tentaram contornar barreiras e armadilhas plantadas por policiais solidários com os colegas criminosos. Identificaram, primeiro, o investigador Orandir Portassi Lucas, o "Didi Pedalada". Emergiram, em seguida, evidências da participação do delegado Pedro Seelig e do investigador Janito Keppler. Finalmente, foi identificado o inspetor

João Augusto da Rosa, o "Irno", chefe da equipe brasileira envolvida na operação. Na semana passada, os quatro continuavam à espera do desfecho do processo em que se encontram enquadrados "por abuso de autoridade". Mas sustentavam, impávidos, a exatidão de uma canhes-

de Inteligencia, García foi admitido na exclusiva Companhia de Contrainformaciones do Exército, secreta mesmo no Uruguai até a semana passada.

No começo de novembro de 1978,

García acompanhou — sempre como fotógrafo, segundo seu depoimento gravado pelo Secretariado Internacional de Juristas pela Anistia no Uruguai (SIJAU), com sede em Paris — a captura de um integrante da organização esquerdista Partido por la Victoria del Pueblo (PVP). A prisão do militante do PVP Carlos Amado Castro Acosta, resultou em outras seis que, sob torturas, revelaram endereços de asilados uruguaiois em Porto Alegre ligados à organização. Um deles era o apartamento da rua Botafogo em que vi-



García informou que a operação foi chefiada pelo capitão Ferro

tra versão do governo uruguaio segundo a qual Universindo, Lilian e as duas crianças haviam sido presos na fronteira quando tentavam ingressar voluntariamente em seu país.

ACERTANDO OS PONTEIROS — A farsa começou a desabar em dezembro passado quando o soldado García conseguiu dar baixa do Exército. Até então, ele era um dos profissionais da mais sinistra máquina de repressão e tortura do continente. "Negar-se a torturar equivale a ir para o cárcere", constatou García ao ingressar no Exército uruguaio em 1975. Dois anos depois, ao cabo de um curso na Escuela

viam Lilian e Universindo. O capitão Eduardo Ramos, chefe da seção técnica da Companhia, sugeriu que um comando militar fosse a Porto Alegre e agarrasse os integrantes do PVP. Mais preocupado com a ética da repressão, o coronel Calixto de Armas, chefe do Departamento II, ao qual está subordinada a Companhia, resolveu que a polícia brasileira deveria ser consultada e convidada a participar do crime.

Enquanto mensagens trocadas pelo telex cruzavam a fronteira, o capitão Eduardo Ramos e o major Bassani, que por aqueles dias chefiava a Companhia em substituição ao titular, major Carlos Rossel, viajaram a Porto Ale-



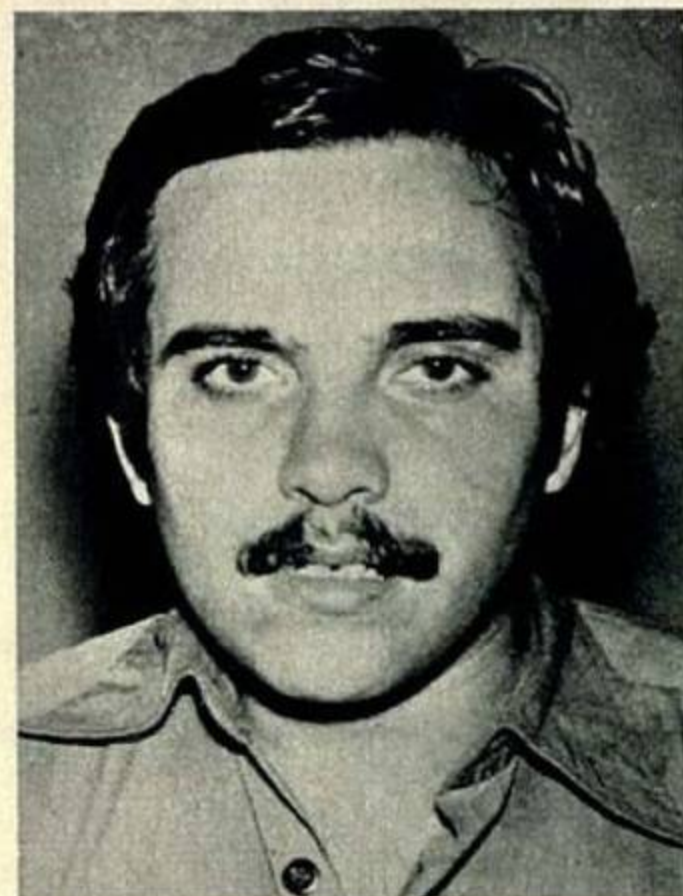
Seelig, Irno e Didi Pedalada: apoio à Operación Zapato Roto



Lilian: torturas na fronteira

gre para acertar ponteiros com o DOPS.

Na segunda semana de novembro, o soldado García foi incorporado à equipe escalada para a execução da "Operación Zapato Roto", chefiada pelo capitão Eduardo Ferro. Essa equipe ocupou um Fiat, uma Kombi e um caminhão tipo furgão, que conduzia também os prisioneiros que haviam denunciado Lilian e Universindo. O bando fez uma escala na fronteira do Chuy, do lado uruguaio. García ali permaneceu na guarda de um dos prisioneiros. Ferro, em companhia de outro oficial e dos demais presos do PVP, atravessou a fronteira e instalou-se por algumas horas no posto da Polícia Federal, onde lhe cederam carros brasileiros para a viagem a Porto Alegre.



Universindo: tentando sorrir



Camilo e Francesca (com os avós) viajaram numa Kombi até Montevideu

"BRAÇO ARMADO" — A 14 ou 15 de novembro, conta García, os oficiais voltaram à frente de um grupo maior — agora, estavam com eles um casal e duas crianças. Universindo e as crianças passaram para o lado uruguaio. Lilian ficou na Polícia Federal, no Chuí. García viu os seqüestrados e pelo menos um dos seqüestradores brasileiros, que lhe foi apontado pelo sargento Miguel Rodríguez, braço direito do capitão Ferro e antigo funcionário da embaixada do Uruguai em Brasília. "Este es Didi Pedalada, fue jugador de fútbol", informou Rodríguez. Mais tarde, Rodríguez falou a García sobre o delegado Pedro Seelig. Segundo o sargento, "Seelig tinha muita influência no DOPS".

FOTOS RICARDO CHAVES

Ferro regressou com Lilian à capital gaúcha e, poucos dias depois, estava de volta a Chuí — com novidades. Ele fora à capital gaúcha para surpreender um contato de Lilian, mas dois jornalistas haviam aparecido no apartamento e o desfecho da operação tivera de ser apressado. Um outro oficial perguntou a Ferro se poderiam surgir problemas com os jornalistas. O capitão assegurou que o DOPS trataria de "fechar-lhes a boca". No dia em que Ferro e Lilian voltaram de Porto Alegre, ela começou a ser torturada para revelar mais ligações no Brasil — ali, segundo os oficiais uruguaiois, funcionava "o braço armado do PVP".

Nesse mesmo dia, García e outros dois participantes da operação seguiram na Kombi para Montevideu, levando Camilo e Francesca. À frente,